

FAP REVISTA CIENTÍFICA

VOLUME 13 JUL. / DEZ. 2015 - ISSN 1980-5071

Sobre guarda-chuvas em tempos de ventania: a educação/arte/terapia somática diante de uma epistemologia sistêmica do corpo que dança

Andréa Sérgio Bertoldi¹

Cinthia Kunifas²

111

RESUMO - Neste artigo, discutimos a crescente utilização de práticas somáticas em diferentes áreas de conhecimento como um espaço de interface com o corpo que dança, a partir da aproximação de princípios que fundamentam estas práticas com aspectos científicos, tecnológicos e sociais propostos pela Teoria Geral dos Sistemas. Nossa hipótese é que esta zona permeável de aproximação desestabiliza fronteiras de áreas de conhecimento e produz subsídios importantes em direção a uma epistemologia sistêmica de corpo.

Palavras-chave - Corpo. Dança. Educação Somática. Sistemas.

1 Professora Doutora do Curso de Bacharelado e Licenciatura em Dança da Universidade Estadual do Paraná– UNESPAR– Campus de Curitiba II, Grupo de Pesquisa em Dança. E-mail: <seriobertoldi@gmail.com>.

2 Professora Mestre do Curso de Bacharelado e Licenciatura em Dança da Universidade Estadual do Paraná– UNESPAR – Campus de Curitiba II, Grupo de Pesquisa em Dança. E-mail: <ckunifas@gmail.com>.

Over umbrellas in gust times: somatic education/art/terapy in front of a systemic epistemology of the dancing body

Andréa Sérgio Bertoldi¹

Cinthia Kunifas²

112

ABSTRACT - *This article discusses the use of somatic practices in different fields of knowledge as an interface space with the dancing body, from the approach of principles that underlie these practices with scientific, technological and social aspects proposed by the General Systems Theory. Our hypothesis is that this permeable zone of approach destabilizes the boundaries of the knowledge fields and produces important subsidies toward a body's systemic epistemology.*

Keywords - *Body. Dance. Somatic Education. Systems.*

1 PhD Professor, Dance Graduation and Education degree Course, Paraná State University at Paraná State University - UNESPAR - Curitiba Campus 2, Dance Research Group. Email: <seriobertoldi@gmail.com>.

2 Master Professor, Dance Graduation and Education degree Course, Paraná State University at Paraná State University - UNESPAR - Curitiba Campus 2, Dance Research Group. E-mail: <ckunifas@gmail.com>.

Nas últimas décadas, temos assistido a diferentes abordagens somáticas de movimento expandirem entrecruzamentos teórico-práticos em áreas de atuação distintas, evidenciando a característica híbrida destas práticas, definidas por Hanna (1995) como um conjunto de procedimentos que compartilham de princípios fundamentais, entre eles, a não dicotomia entre corpo e mente e o reconhecimento da transversalidade da relação entre aspectos subjetivos e objetivos do indivíduo, aqui denominados de pensamento somático.

A crescente utilização multidirecional deste pensamento em áreas de conhecimento distintos, vem provocando interesse investigativo sobre as possíveis contribuições das práticas somáticas, principalmente para os campos da Dança, Educação e Terapia. Este tipo de investigação possibilitou o desenvolvimento de um conjunto importante de significações, gerando mudanças em perspectivas de práticas pedagógicas que colaboram para a expansão de estratégias corporais de criação artística na Dança; reorientou estéticas de dança, realocando concepções sobre corpo e o movimento; atualizou perspectivas didático-pedagógicas para o estudo do movimento humano; e, entre outras contribuições, desenvolveu abordagens usadas com finalidade preventiva e/ou terapêutica (FORTIN, 1999; FORTIN, LONG; LORD, 2002; STRAZZACAPPA, 2009).

Embora o ponto de vista de análise do entrecruzamento entre práticas somáticas e as especificidades de áreas seja reconhecidamente importante para aprofundar a práxis e os argumentos de cada uma delas, é necessário considerar a tendência de reorientação de interface entre especialidades, inclusive entre aquelas consideradas com menos afinidades, advinda da adoção de um paradigma (KUHN, 1970) de produção de conhecimento sistêmico (PRIGOGINE, 1996). Para o autor, esta reorientação se estabelece em diálogo com as especificidades de áreas, de modo que elas não sejam negligenciadas, mas provocadas a não enrigecer suas fronteiras, o que poderia despotencializar os avanços alcançados pela visão sistêmica de produção de conhecimento, inerente ao pensamento somático.

O paradigma sistêmico (PRIGOGINE; STENDERS, 1984), entre suas contribuições para a investigação do corpo que dança em relação com/no mundo, tem anunciado tempos de instabilidades. Como em uma ventania, ele parece ter desabrigado as áreas de conhecimento da proteção de seus guarda-chuvas, requerendo outros modos de análise sobre suas possíveis interrelações, reconsiderando como foco central de investigação a emergência de uma epistemologia sistêmica do corpo para além das fronteiras das especialidades.

Diante disso, este artigo propõe discutir a crescente utilização de práticas fundamentadas no pensamento somático em áreas distintas, em interface como corpo

que dança, entendido como um corpo/indivíduo, subjetivado pela transversalidade de suas relações (HANNA, 1995; LE BRETON, 2006; MARININ, 2012), utilizando a Teoria Geral dos Sistemas (BERTALLANFFY, 1952, 1997) como instrumento teórico de análise, no sentido de evidenciar aproximações entre esta teoria e o pensamento somático para provocar questões que considerem a permeabilidade de modelos de interação, organização e epistemologia do corpo em relação.

Ciência dos sistemas e o pensamento somático: afinidades construídas

A abordagem da Teoria Geral dos Sistemas (TGS) foi descrita pela primeira vez por Bertallanffy (1952), que destacou três aspectos principais desta teoria no que diz respeito a sua abrangência. O primeiro está relacionado à ciência, o segundo à tecnologia e o terceiro à filosofia dos sistemas. Todos estão imbricados em relações multifacetadas, porém interdependentes, as quais precisam ser contextualizadas para possibilitar a análise de suas interfaces com organismos vivos, no caso de nossa discussão, o corpo que Dança.

A ciência dos sistemas instaurou um novo pensamento com a formulação de princípios aplicáveis a todos os subsistemas estudados nas várias ciências como, por exemplo, as ciências humanas, sociais, exatas, biológicas, entre outras. Como se sabe, paradoxalmente ao pensamento científico sistêmico, a ciência clássica tentava separar os elementos estudados em disciplinas específicas, esperando que, ao recolocá-los juntos, o chamado todo conceitual fosse inteligível. Por outro lado, o pensamento sistêmico, característico da ciência contemporânea, evidenciou o fato de que para uma compreensão ampla do todo, não seria mais suficiente decifrar elementos isolados em suas especialidades (WEISS, 1971; HORGAN, 1988, GLEIK, 1990).

Um dos argumentos da TGS para refutar a noção de exclusividade da produção de conhecimento em áreas afins, está na noção de isomorfismos presente nos diferentes sistemas, isto é, a existência de aspectos gerais correspondentes, inclusive em sistemas de todos diferentes, o que reforça a necessidade do desenvolvimento científico sistêmico fundamentado em conjuntos e totalidades (BERTALLANFFY, 1997). Embora a proposição de totalidade já tenha sido considerada uma realidade metafísica, que transcenderia os limites da ciência, hoje esse pensamento é considerado um fenômeno irreversível e necessário, principalmente diante dos limites analíticos praticados pela ciência clássica (WEISS, 1971). Portanto, a TGS, no que diz respeito a ciência dos sistemas, assumiu a vocação relacional dos seres vivos e propôs a criação de concepções, modelos, campos de conhecimento e práticas de

análise mais articulados com as atuais necessidades humanas, fundamentalmente transdisciplinárias, multifatoriais e, como consequência, contrárias à linearidade causal e/ou proveniente apenas de um ponto de vista especializado.

Esta visão tem impactado em quebras de padrões de organização em estruturas de diferentes áreas de conhecimento, as quais permeiam o corpo que dança como, por exemplo, na reforma curricular do Curso de Bacharelado e Licenciatura em Dança da Universidade Estadual do Paraná que, entre outras reorientações, assumiu em seu eixo central, a relação de conteúdos teórico-práticos com concepções sistêmicas de pesquisa e ensino em Dança, contrapondo-se à ideia linear de pesquisa “ou” ensino em Dança; incorporou análises de lógicas de danças existentes na interface com a criação de lógicas corporais próprias, substituindo a ideia de domínio e reprodução de estruturas predominantemente preestabelecidas e, na esteira desta visão de mundo, ou paradigma, tem incluído, de modo crescente, práticas fundamentadas no pensamento somático neste espaço de articulação de conhecimentos. Assim como ocorre neste curso, o alargamento de ambientes onde se inserem as práticas somáticas é observado como uma tendência em diversas estruturas educacionais, artísticas e terapêuticas em diferentes países (GINOT, 2010).

Para analisar esta tendência, é importante perceber que procedimentos teórico-práticos, quando são pulverizados em escala crescente em diferentes áreas, como é o caso das práticas fundamentadas no pensamento somático, podem estar revelando mais que um fato tendencial destas áreas específicas. É possível que estejam indicando necessidades humanas de reconfiguração de pensamentos do/no corpo, na medida em que passam a atender a necessidades de auto-organização (CAMERON, 1960) próprias de seres humanos em processo de adaptabilidade (KELSO, 1995).

A adaptabilidade é um conceito amplo, porém, na visão sistêmica de ciência, sua ocorrência depende da condição comum da existência de mudanças que perturbem o sistema, desafiando sua estabilidade (MADDOX, 1999). Essas perturbações são geradas organicamente pela flexibilidade organizativa inerente à coexistência entre os recursos disponíveis ao organismo e aqueles que são percebidos em interdependência com o meio interno e externo, os quais são mediados por relações neuroadaptativas com capacidade de auto-organização (HEBB, 1949). Portanto, o aprofundamento da compreensão sobre os modos como percebemos as interdependências entre os subsistemas se configura como uma necessidade humana de adaptabilidade. Este tipo de interesse permeia as investigações teórico-práticas do corpo que dança e expande fronteiras entre áreas de conhecimento, atualizadas pela noção de conjuntos e totalidades, proposta pela ciência dos sistemas como condição para a produção de conhecimento.

Este entendimento parece atender a conceitos comuns àqueles revelados pelos preceitos do pensamento somático, em especial, no que diz respeito ao reconhecimento da natureza multidisciplinar, relacional e auto-organizativa do movimento. Esta afinidade pode ser observada, por exemplo, na característica transdisciplinária, implícita na descrição do termo Educação Somática, entendido por Thomas Hanna como “[...] a arte e a ciência de um processo relacional interno entre a consciência, o biológico e o meio-ambiente. Estes três fatores vistos como um todo agindo em sinergia” (HANNA, 1983, p. 7).

É possível verificar inclusive, na história pessoal dos pioneiros da Educação Somática, a natureza híbrida e correlacional deste pensamento que evidenciou a importância dos encontros entre áreas como pressuposto de produção de conhecimento. Thomas Hanna, por exemplo, aproximou-se do corpo como filósofo, estudou medicina, especialmente neurofisiologia. Entretanto, estava interessado pela condição humana e orientava-se pelo existencialismo fenomenológico para pesquisar a independência e autonomia do movimento humano, considerando a existência de mecanismos orgânicos autorreguladores. Acreditava que nos desenvolvemos para nos tornarmos autodeterminados, autoequilibrados, autocurativos, autorregulados. Para ele, esta questão era premente já no século passado, quando considerou a auto-organização dos sistemas vivos como *“the truly burning and major issue of twentieth century”* (HANNA, 1983, p.54).

Diversas práticas somáticas foram criadas no mundo ocidental no início do século XX, na sua maioria na Europa e nos Estados Unidos, a partir de pressupostos que divergiam da visão mecanicista do corpo, rejeitando, portanto, as respostas oferecidas pela ciência clássica, até então dominantes, para sustentar o conceito de investigação do movimento sob uma perspectiva de corpo singular e multirelacional. Neste contexto, Moshe Feldenkrais (Método Feldenkrais), Ingmar Bartenieff (Método Bartenieff), Gerda Alexander (Eutonia), Mathias Alexander (Técnica de Alexander), Ida Rolf (Rolfing), Mabel Todd (Ideokinesis), Bonnie Bainbridge-Cohen (Body-MindCentering), entre diversos outros, criaram métodos considerando a transdisciplinaridade inerente às singularidades objetivas e subjetivas de seus próprios corpos (DOMENICI, 2010).

Além desses métodos, uma série de novos procedimentos foram criados, outros surgiram pela hibridação de práticas existentes em diferentes países e áreas, particularizados principalmente por suas diferenças culturais e interesses de aplicação (MILLER, 2007). Entretanto, para além dessas diferenças, a característica de privilegiar a informação que vem do próprio corpo, observada em muitos destes diferentes métodos, derivou uma clara ênfase de investigação do corpo em movimento a partir da percepção somatosensorial (STRAZZACAPA, 2009). A ideia de corpo somático

e estabeleceu na mediação da potência do princípio de auto-organização dos mecanismos neuroperceptivos do organismo e assumiu a noção de que movimento não é só ação, mas é ação e percepção (BARTTENIEFF; LEWIS, 1980; HANNA, 1993, 1995). Estes preceitos são coincidentes com a ideia de estados de corpo e de movimento, entendidos como organizações provisórias, que emergem de acordos entre aspectos de ordem e desordem, estabilidade e instabilidade, memória e previsão do corpo/indivíduo em relação, e reforçam a ideia de adaptabilidade contida no conceito deciclo percepção-ação, preconizado pela ciência dos sistemas (MICHAELS, et. al. 2001), empiricamente instaurado no pensamento somático.

Este pensamento se aproxima de tal modo de princípios propostos pela ciência dos sistemas que pode estar igualmente se estabelecendo, na contemporaneidade, como uma necessidade do corpo para além das fronteiras herdadas pelo cartesianismo disciplinar em nossas vidas, recorrendo como uma teoria geral do corpo, ciente da necessidade de reorientar questões de investigação interdisciplinares como, por exemplo, as interações entre razão e emoção, percepção e tomada de decisão, níveis de consciência e controle do movimento, entre vários outros, que ganham ressignificação científica e artística, diante do pressuposto de aproximação de áreas contida na visão sistêmica de conjuntos e totalidades, embora mantenham suas especificidades (VIEIRA, 2006).

Questões de investigação como estas foram alguns dos enfoques empiricamente propostos pelos pioneiros do pensamento somático, os quais fortaleceram, por décadas, os argumentos da reorientação do entendimento de corpo, que transitou da visão de objeto por onde passam informações do ambiente para a ideia de percepção corporificada, hoje reconhecidos cientificamente (DAMÁSIO, 2000). Esse tipo de argumento foi fortalecido, inclusive na diferença epistemológica de corpo proposta no termo soma, descrito por Hanna (1985) como o corpo percebido a partir de sua própria subjetividade, considerando-o em primeira pessoa.

Para o autor, o conceito de soma indica que somos mais do que corpos submetidos a forças externas, somos seres capazes de perceber e controlar o modo como funcionamos. A mente, neste contexto, foi transportada da visão de conexões relativamente simplistas e superficiais de causa e efeito, para as conexões em rede, implícitas na percepção do uso que fazemos de nós mesmos (ALEXANDER, 1985). Esta ideia reforça o conceito de auto-organização estabelecida na noção de movimento orientado pelo ciclo percepção-ação, observada tanto em fundamentos de práticas somáticas como, por exemplo, o BMC- Body-Mind Centering (COHEN, 1993), como no paradigmático sistêmico de ciência (GLEIK, 1990).

De acordo com Barttenieff e Lewis (1980), a partir deste entendimento de corpo/soma, as práticas somáticas foram consideradas como uma resposta a uma condição identificada pelos pioneiros como *sensorymotor-amnesia* (SMA), termo utilizado para advertir a tendência de esquecimento, ou amnésia dos mecanismos sensoperceptivos, imprescindíveis para o processo de auto-organização do corpo em movimento.

Para os pioneiros do pensamento somático, a perspectiva terapêutica do movimento, quando apoiada em relações lineares de causa e efeito e em especialidades que nos observam apenas de um ponto de vista externo e unidirecional, não seria capaz de considerar, em seus métodos de tratamento, o fato de sermos seres cientes (*aware*) de nossos sentimentos, movimentos e intenções internas (FELDENKRAIS, 1972; COHEN, 1993). Foi diante dessa diferença epistemológica sobre o funcionamento do organismo que os pioneiros deste pensamento entenderam que a SMA demandava um processo de aprendizagem e não de terapia.

Entretanto, com o reconhecimento de uma perspectiva paradigmática sistêmica de ciência, parece cada vez mais evidente a incoerência do enrijecimento das fronteiras entre as áreas, pois, atualmente, educadores somáticos, grande parte de artistas da Dança e uma quantidade crescente de terapeutas reconhecem a interconexão das dimensões corporal, cognitiva, psicológica, social, emotiva e espiritual do ser humano e consideram a importância do desenvolvimento de estratégias teórico-práticas de reorganização global da experiência neurosensoriomotora do organismo em relação com o ambiente interno e externo. O que parece prioritário é justamente a constante atualização epistemológica que emerge do reconhecimento de proximidades e transversalidades de diferentes áreas, geradoras da experiência de conjuntos e totalidades no corpo que Dança.

Além da ciência dos sistemas, para uma reflexão mais ampla sobre a crescente utilização de práticas fundamentadas no pensamento somático em interface com o corpo que dança, é importante considerar o segundo aspecto tratado pela TGS, que diz respeito às tecnologias sistêmicas na sociedade. De acordo com Bertallanffy (1997), os problemas da sociedade contemporânea tornaram-se tão complexos que os caminhos tradicionalmente adotados para combatê-los já não bastam para manter a continuidade do desenvolvimento social humano, deflagrando a urgência da necessidade de criação de estratégias para o desenvolvimento de novas tecnologias sociais.

O pensamento somático diante da necessidade de tecnologias sociais

Um argumento muito usado em relação ao valor da produção de um conhecimento é o seu impacto na sociedade e no bem-estar da humanidade. A tecnologia biológica alcançada na medicina moderna e na biologia aplicada aumentou muito a nossa expectativa de vida quando comparada às últimas décadas. O atual conhecimento das leis físicas permitiu um alto controle tecnológico da natureza inanimada. Os métodos de cultivo e produção da agricultura científica são suficientes para sustentar uma população maior que a de todo o planeta; entretanto, o crescimento de graves problemas humanos na contemporaneidade torna explícito o fato de que estamos extremamente carentes de tecnologia sociológica (WEINER, 1984).

A compreensão da necessidade de formulação de um pensamento tecnológico sistêmico, capaz de lidar com os desafios sociais contemporâneos, evidencia a característica de sofisticação desses problemas e sua dependência de concepções correlacionais, próprias de tecnologias sistêmicas, na medida em que variáveis multifacetadas como são as configurações sociais, quando são tratadas isoladamente e/ou linearmente, não são suficientes para apontar soluções para os crescentes desajustes sociais que enfrentamos na atualidade (BERTALANFFY, 1997).

Entre os problemas humanos que não temos conseguido evitar, destacamos as relações patológicas de idealização de realidades inacessíveis, estimuladoras de percepções mais individualistas que individuais, próprias de uma sociedade fundamentada na massificação de consumo, produtos, informações, corpos/pensamentos (ELIAS, 1980). Esta característica deflagra a urgência da necessidade do desenvolvimento de tecnologias do/para o indivíduo, que considerem a potencialidade humana para a reorientação ética, necessária à configuração social promotora de bem-estar coletivo.

É um fato empírico que as realizações científicas têm servido não apenas a finalidades construtivas, mas para promover tecnologias de controle e dominação social (BOURDIEU, 2001). As neurociências do comportamento humano, por exemplo, quando utilizadas com esta intenção, são capazes de desenvolver condicionamento, sugestão em massa e controle do pensamento com muita eficácia. Segundo Foucault (1982), as estratégias de controle da sociedade moderna são tão terrivelmente científicas que tornam o absolutismo do passado parecer um recurso inocente. Por outro lado, há a percepção de que todo o conhecimento atual sobre o comportamento humano pode ser expandido para o que consiste, em seu caráter único, o comportamento do homem atuando como um animal biopolítico-social, mas, acima de tudo, como um indivíduo.

De acordo com Elias (1980), a sociedade é formada por indivíduos corresponsáveis pela determinação das interdependências nela estabelecidas. Dessa forma, o desenvolvimento de tecnologias capazes de lidar com as realidades sistêmicas dos problemas sociais contemporâneos está imbricado na expansão de tecnologias individuais. Ao estudar as relações de poder estabelecidas nas interdependências sociais, Foucault (1980) desenvolveu o conceito de tecnologias de dominação para se referir aos modos de produção e organização de conhecimento que determinam a conduta de indivíduos e limitam suas escolhas. Este conceito assume que as instituições podem disciplinar os indivíduos em corpos dóceis, vigiando-os e fazendo-os vigiar a si próprios (MENDES, 2006). Em tais situações de dominação, as relações de poder tornam-se inflexíveis e os sujeitos são predominantemente objetivados.

A partir de reflexões sobre tecnologias de dominação social, Foucault (1988) desenvolveu o conceito de tecnologias do *self*, por meio das quais os seres humanos se constituem e se reconhecem como sujeitos. Para o autor, as tecnologias do *self* são instrumentos a partir dos quais os indivíduos tornam possível um estado maior de autonomia, capacitando-se para resistir à docilidade do corpo/pensamento massificado que, ancorado em valores normatizantes, negligencia sua subjetividade e singularidade e pasteuriza a forma do corpo sob a égide de uma só estética/pensamento, promovida por meio do consumo de bens e serviços. Este tipo de pensamento dominante é um fenômeno de configurações sociais contemporâneas em diferentes culturas e, como tal, permeável ao corpo que está vivo no mundo e na dança.

Na contramão da docilidade do corpo, as práticas fundamentadas no pensamento somático têm se fortalecido na contemporaneidade por serem promotoras de um pensamento de validação das singularidades corporais e, como consequência, de empoderamento pessoal e social. Assim, se configuram como tecnologias do *self* e podem ser altamente potentes no desenvolvimento de autonomia individual para além das especificidades de áreas, por atenderem à emergência da necessidade humana básica de instrumentalizar o indivíduo perceptivamente para fazer escolhas corporais que considerem seu próprio bem-estar, contrapondo-se à fantasia de um corpo/pensamento ideal, em geral ausente da concretude do corpo vivido (DOMENICI, 2010; FORTIN; VIEIRA; TREMBLAY, 2010; GINOT, 2010).

Neste contexto, Bertalanffy (1977), fazendo referência à tecnologia de sistemas, bem como Alexander (1985), referindo-se aos fundamentos que originaram o método de Educação Somática que desenvolveu, chamam atenção para o fato de que as abordagens de natureza holística, generalista ou interdisciplinares têm sido – e serão cada vez mais – imprescindíveis ao ser humano. O corpo que dança constroi sua subjetividade socialmente e é afetado pela necessidade de se instrumentalizar

tecnologicamente para reconhecer suas potências organizativas e dar conta da complexificação das novas categorias tecnológicas sociais que emergem diante da carência de recursos individuais de validação ética, estética e política dos sujeitos.

Além da ciência e da tecnologia, o terceiro aspecto de análise proposto na TGS é a filosofia dos sistemas. Para Bertalanffy (1977), esse aspecto de sua teoria reflete a reorientação de pensamento decorrente da introdução da noção de sistema como uma nova filosofia da natureza, contrastante com as leis de concepção mecanicista e, portanto, propositora de novas configurações epistemológicas.

Filosofia dos sistemas: encontros epistemológicos com o pensamento somático

A filosofia dos sistemas revela que sua epistemologia é profundamente diferente da epistemologia do positivismo lógico ou do empirismo. A epistemologia e metafísica do positivismo lógico foi determinada pelas ideias do fisicalismo e do atomismo, obsoletas diante do conhecimento e das necessidades humanas atuais. Dessa forma, a filosofia sistêmica assumiu o conceito de produção de conhecimento não mais como uma simples aproximação da verdade ou realidade, mas como uma interação perceptiva entre conhecedor e conhecido, dependente de uma multiplicidade de fatores de natureza biológica, psicológica, cultural, linguística, entre outros (LAZSLO, 1972).

De acordo com Bertalanffy (1997), esta noção de conhecimento está implícita na concepção de percepção humana, avessa à passividade do seu entendimento como um reflexo de coisas reais. Assim, contra o reducionismo das teorias que declaram que a realidade nada mais é que uma porção de partículas físicas, genes, reflexos e impulsos, emerge a filosofia de perspectiva, assumindo que o homem cria, por meio de suas vinculações biológicas e culturais, o que percebe ser possível para se adaptar em ambientes em constante mudança.

Vertentes da filosofia de perspectiva, relacionada às ciências cognitivas, abriram possibilidades diferenciadas de análise sobre estudos da percepção, como por exemplo, o desenvolvimento do conceito de *embodiment cognition*, isto é, a ideia de que a mente é inerentemente corporificada e, segundo a qual, a experiência corporal seria a base para a construção de qualquer conhecimento (LAKOFF; JOHNSON, 1999). A partir de investigações realizadas no campo das neurociências cognitivas (DAMÁSIO, 1996, 1998, 2012), foi entendido que o senso de realidade do homem depende tanto de processos inconscientes ocorridos na mente, quanto de processos

corporais e suas interações. Dessa forma, a existência de uma realidade objetiva ficou seriamente abalada e a subjetividade inerente à percepção passou a estar necessariamente implicada na construção de qualquer tipo de conhecimento.

Considerando que a experiência corporal é a base das formulações cognitivas, a filosofia de perspectiva assumiu que nenhum pressuposto da razão poderia estar além da diversidade cultural e da experiência subjetiva do corpo (GALLESI, 2005; VARELA, THOMPSON; ROSCH, 1991). Estes achados desestabilizaram a condição ilusória do objetivismo e criaram o ambiente necessário para o reconhecimento de que a maneira como são percebidas as experiências do corpo no mundo, interfere determinadamente no que somos capazes de produzir e conhecer como realidade. Assim, o corpo passa a ser entendido como um ambiente ativo que constrói comportamentos e paradigmas em interação multidirecional e interdisciplinária com o mundo (MENDES, 2006).

Proposições como estas, que a ciência apenas recentemente passou a aceitar, já vinham sendo defendidos no pensamento somático há décadas. De acordo com Ginot (2010), os diferentes métodos e abordagens fundamentadas no pensamento somático têm se configurando como uma fonte de compreensão da comunicação interno-externa do ser humano com o mundo, provocando novas interlocuções da constituição dos indivíduos como sujeitos de si próprios, na produção de subjetividade como processo cultural, político e também social, remetendo-nos ao conceito de soma descrito por Hanna (1985) como o corpo percebido a partir de sua própria subjetividade, em primeira pessoa.

Se atualmente a realidade é considerada um estado provisório de organização percebido pelo indivíduo, a filosofia dos sistemas entende que as necessidades do ser humano na contemporaneidade são diferentes daquelas pensadas num mundo de partículas físicas, governado por acontecimentos causais, próprios de uma realidade verdadeira, dominada por especialidades de conhecimentos. Ao contrário disso, o mundo de valores, entidades sociais e culturais, está inserido na possibilidade de conexão em rede, contrapondo-se às supostas oposições entre qualquer área de conhecimento que, isolada, viesse a minimizar a relação global, transdisciplinar do indivíduo com/no mundo (MATURANA; VARELA, 2001).

Esta visão sistêmica de corpo/indivíduo/social aponta para um passo definitivo de valorização da singularidade e autonomia do ser humano em oposição à sua mecanização. Porém, aspectos humanísticos próprios da TGS não podem ser, de fato, abordados se forem limitados à visão restrita e fraccional de sistema, representado no modelo de roda dentada no qual o ser humano se reduz a mais um componente dessa engrenagem. Do mesmo modo, o pensamento somático, se submetido a simplificações de qualquer ordem como, por exemplo, a regras mercadológicas que

implicam na mera inclusão de procedimentos didáticos de direcionamento de atenção para estados tônicos ou posturas corporais em práticas filosoficamente opostas a este pensamento, não se configuram em potência de complexificação do uso que o indivíduo faz de si mesmo.

Assim, limitar um pensamento multidimensional de corpo a um modo de apropriação desse pensamento, muitas vezes sujeito a limitações próprias da especificidade de uma área de conhecimento, não será suficiente para compreendê-lo em suas interfaces científica, tecnológica e filosófica, capaz de contextualizar o pensamento somático como uma teoria geral do corpo, em direção a uma epistemologia corporal que se estrutura no humano como um princípio sistêmico auto-organizativo com visão de síntese interdisciplinária, configurada na potência da singularidade do corpo/indivíduo que dança.

Questões para não concluir

Na medida em que o corpo e suas interdependências é assumido como o que se entende por sociedade, seria possível que a crescente valorização de um pensamento científico, tecnológico e filosófico generalista, interdisciplinário, sistêmico, não fosse observada também no pensamento do corpo que dança? Não estaríamos nós diante de um fenômeno de auto-organização e adaptabilidade inerentes aos sistemas vivos? A partir dessas questões, é possível prever que práticas fundamentadas no pensamento somático estejam se ampliando em hibridismos e venham a se alastrar ainda mais, em muitas áreas, atualmente não consideradas afins ou protegidas nos guarda-chuvas de conhecimento, por refletirem a necessidade de emergência de uma epistemologia sistêmica do corpo contemporâneo.

Se questões de natureza interdisciplinar forem tratadas linearmente ou isoladas em áreas de conhecimento, não serão suficientes para ampliar nossa compreensão sobre o corpo que dança. Trata-se, portanto, de assumirmos um pensamento do corpo/ indivíduo/social (des)orientado diante de uma epistemologia corporal sistêmica. É o pensamento somático desabrigado de guardas-chuvas, cada vez menos necessários em meio à ventania da coexistência entre estabilidade e instabilidade, entendida como condição humana de evolução.

REFERÊNCIAS

- ALEXANDER, F.M. **The use of the self**. London. Orion Books Limited, 1985.
- COHEN, B. B. **Sensing, feeling, and action: the experiential anatomy of Body-Mind Centering**. Northampton. Contact Edition, 1993.
- BARTENIEFF, I.; LEWIS, D. **Body movement: coping with the environment**. Amsterdam. Gordon and Breach Publishers, 1980.
- BERTALLANFFY, L. V. **Problems of life: an evaluation of modern biological thought**. London. John Wiley & Sons, 1952.
- BERTALLANFFY, L. V. **Teoria geral dos sistemas**. Petrópolis. Vozes, 1997.
- BOLSANELLO, D. P. **Em pleno corpo: educação somática, movimento e saúde**. Curitiba. Juruá, 2010.
- BOURDIEU P. **Meditações pascalianas**. Tradução: Sergio Miceli. Rio de Janeiro. Bertand Brasil, 2001.
- CAMERON, S. **Self-organizing systems**. Oxford. Pergamon Press, 1960.
- DAMÁSIO, A. **O erro de Descartes: emoção, razão e cérebro humano**. Tradução: Dora Vicente e Georgina Segurado, 3.ed. São Paulo. Companhia das Letras, 2012.
- _____. **O mistério da consciência: do corpo e das emoções ao conhecimento de si**. São Paulo. Companhia das Letras, 2000.
- _____. **E o cérebro criou o homem**. Tradução: Laura Teixeira Mota. São Paulo. Companhia das Letras, 2011.
- DOMENICI, E. O encontro entre dança e educação somática como uma interface de questionamento epistemológico sobre as teorias do corpo. **Pro-Posições**, Campinas, v. 21, n. 2, p. 69-85, 2010.
- ELIAS, N. **Introdução à sociologia**. São Paulo. Martins Fontes, 1980.
- FELDENKRAIS, M. **Awareness through movement**. London. Harper & Row Publishers, 1972.

FORTIN, S. Towards a new generation: somatic dance education in academia. *Impulse: The International Journal of Dance Science, Medicine and Education*, v. 3, n. 4, p. 253-262, 1995.

_____. Quando a ciência da dança e a educação somática entram na aula técnica de dança. *Pro-Posições*, Campinas, v. 9, n.2, p. 79-95, 1998.

_____. Educação somática: novo ingrediente da formação prática em dança. *Cadernos do GIPE-CIT*, Salvador, n.2, p.40-55, 1999.

FORTIN, S.; VIEIRA, A.; TREMBLAY, M. A. Experiência de discursos na dança e na educação somática. *Movimento*, Porto Alegre, v. 16, n.2, p. 71-91, 2010.

FORTIN, S.; LONG, W.; LORD, M. Three voices: researching how somatic education informs contemporary dance technique classes. *Research in Dance Education*, London, v. 3, n. 2, p. 155-179, 2002.

FOUCAULT, M. The ethic of care for the self as a practice of freedom (interview 1984). In: BERNAUER, J.; RASMUSSES, D. (Ed.). *The Final Foucault*. Cambridge. MA: MIT, 1988, p.23-36.

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro. Graal, 1982.

GALLESE, V. Embodied simulation: from neurons to phenomenal experience. *Phenomenology and the Cognitive Sciences*, n. 4, p.23-48, 2005.

GINOT, I. Para uma epistemologia das técnicas de Educação Somática. Tradução: Joana Ribeiro da Silva Tavares e Marito Olsson-Forsberg. *O Percevejo Online*. v.2, n. 2, 2010. Disponível em <<https://goo.gl/UWuyQX>>. Acesso em: 02/07/2015.

GLEICK, J. *Caos: a criação de uma nova ciência*. Rio de Janeiro. Campus, 1990.

HANNA, T. Dictionary definition of the word somatics. *Somatics*, v. 4 n.2, p. 23-31, 1983.

HANNA, T. *The body of life: creating new pathways for sensory awareness and fluid movement*. Rochester. Healing Arts Press, 1993.

HANNA, T. What is somatics?. In: Johnson, D. H. (ed.). *Bone, Breath & Gesture*. Berkeley, Calif. North Atlantic Books, 1995, p. 341-352.

HEBB, D. O. **The organization of behavior**: a neuropsychological theory. New York. Wiley & Sons Inc., 1949.

HORGAN, J. **O fim da ciência**: uma discussão sobre os limites do conhecimento científico. São Paulo. Companhia das Letras, 1998.

KUHN, T. S. **The structure of scientific revolutions**. Chicago. Chicago Press, 1970.

KELSO, J. A. S. **Dynamic patterns**: the self-organization of brain and behavior. Cambridge, Massachusetts. The MIT Press, 1995.

KLAPP, S. T.; JAGACINSKI, R. J. Gestalt principles in the control of motor action. **Psychology Bulletin**, v.137, n.3, p.443-462, 2011.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Philosophy in the flesh**: the embodied mind and its challenge to western thought. New York. Basic Books, 1999.

LASZLO, E. **Introduction to systems philosophy**. New York. Harper Torch Books, 1972.

LE BRETON, D. **A sociologia do corpo**. Petrópolis, RJ. Vozes, 2006.

MADDOX, J. **O que falta descobrir**: explorando os segredos do universo, as origens da vida e o futuro da espécie humana. Rio de Janeiro. Campus, 1999.

MARININ, M. Corpo e corporalidade no teatro: da semiótica às neurociências: pequeno dicionário interdisciplinar. **Revista Brasileira de Estudos da Presença**, Porto Alegre, v. 2, n. 1, p.42-61, 2012.

MATURANA, H.; VARELA, F. **A árvore do conhecimento**. São Paulo. Palas Athena, 2001.

MENDES, C. L. O Corpo em Foucault: superfície de disciplinamento e governo. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis: EDUFSC, n.39, p. 167-181, 2006.

MICHAELS, C.F.; WITHAGEN, R.; JACOBS, D. M.; ZAAL, T. J. M.; BONERS, R. M. Information, perception and action: a reply to commentators. **Biological Psychology**, v.13, n.3, p.227-244, 2001.

MILLER, J. **A escuta do corpo**: sistematização da técnica Klauss Vianna. São Paulo. Summus, 2007.

PRIGOGINE, I. **O fim das certezas**: tempo, caos e as leis da natureza. São Paulo. Editora da UNESP, 1996.

PRIGOGINE, I.; STENGERS, I. **A nova aliança**: metamorfose da ciência. Brasília. Editora da UnB, 1984.

STRAZZACAPA, M. A Educação e a fábrica de corpos: a dança na escola. **Caderno Cedex**, Campinas, v.1, p. 69-83, 2001.

_____. Educação Somática: seus princípios e possíveis desdobramentos. **Revista Repertório Teatro e Dança**, São Paulo, v.2, n.13, p.48-54, 2009.

VARELA, F. J.; THOMPSON, E. T.; ROSCH, E. **The embodied mind**: cognitive science and human experience. Cambridge. Cambridge, 1991.

VIEIRA, J. A. **Teoria do conhecimento e arte**: formas de conhecimento – arte e ciência, uma visão a partir da complexidade. Fortaleza. Expressão Gráfica, 2006.

WEISS, P. **Within the gates of science and beyond**. New York. Hafner, 1971.

WIENER, N. **Cibernética e sociedade**: o uso humano de seres humanos. São Paulo. Cultrix, 1984.

Recebido em: 15/11/2015

Aceito em: 15/08/2016